

**Título: “Pervivências” na poesia moderna brasileira I. Os primeiros modernos: os simbolistas**

**Autor: Susana Celia Leandro Scramim**

**Resumo:**

Este projeto de pesquisa desdobrou-se do projeto “O neo-colonial e o projeto de modernidade brasileiro: as primeiras décadas do século XX”, inicialmente proposto em 2007.<sup>1</sup> e executado nos últimos 3 anos de trabalho. O objetivo agora é perseguir os elementos de modernidade que se anunciavam, em alguns casos, e se realizavam plenamente, em outros, nas obras de poetas brasileiros e argentinos do final do século XIX. Com isso, aproximam-se as duas produções poéticas entre dois vizinhos e dois limiares da cultura da Península Ibérica na América Latina porque justamente são zonas limítrofes, de borde, de margem, compreendidas não como zona periférica, mas como zonas de manobra dos projetos de modernidade para o continente americano. Os casos exemplares são os poetas brasileiros João da Cruz e Sousa, Nestor Vitor e Dario Vellozo e os poetas argentinos Leopoldo Lugones e Rubén Darío.

A hipótese que norteia a argumentação das análises das obras da modernidade “finissecular” do século XIX pauta-se pela observação do caráter moderno que elas apresentam e de como se opera o trânsito entre elas e a obras do modernismo brasileiro analisadas no projeto anterior. É importante frisar que se trata de uma busca por um trânsito, conforme já assinalado nas análises da “pervivência” colonial nas obras modernistas, compreendido como movimento das obras e de suas leituras que lhes propiciem verem-se mutuamente uma na outra. Essa hipótese de trabalho produz um procedimento possibilita a releitura dessas obras na literatura hispano-americana. O que se empenha novamente é a investigação das “pervivências” de uma modernidade que já era modernidade na sua feição colonial. Portanto, não se trata mais de ler as obras literárias como etapas ou estágios de um desenvolvimento em direção a uma situação de idealidade, ou seja, a formação de uma literatura nacional, pelo menos no que toca à questão de uma nacionalidade de um único plano, desde uma origem até uma única meta. Orienta-se por uma constatação de que existe uma “politropia” da modernidade artística no Brasil que não está restrita apenas ao século XX. Essa “politropia” não se restringe à composição de uma mera lista de “tropos”, ou seja, as figuras retóricas, as literárias e aquelas pertencentes às outras artes. Trata-se de compreender o atravessamento desses “tropos”, que muitas vezes não são lidos e classificados como “tropos” da modernidade na produção daquilo que viemos a compreender como modernidade.